

IDEAIS DE GÊNERO EM TRANSIÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DO FEMININO*Mariana Ghetler¹*

GENDER IDEALS IN TRASITION: A LOOK FROM A FEMININE PERSPECTIVE

Resumo: O presente estudo almeja perceber a visão feminina sobre a transição de ideais de gênero na relação dialética entre a vivência e a construção da transição, e entender como a feminilidade e masculinidade hegemônicas se relacionam, assim como suas decorrências nas possibilidades de ser e as relações que estabelecem. Fizemos um estudo histórico e transcultural sobre o feminino chegando até os dias atuais. Então, elaboramos um questionário qualitativo e aplicamos em pessoas que se consideram do gênero feminino de diferentes regiões brasileiras, idades, identidades sexuais e de gênero além de religiões e profissões diversas. Percebemos então que a feminilidade está passando realmente por um processo de transição pelo relato das próprias entrevistadas, seja vivendo-a ou lutando pelos seus direitos. Também fica clara a transição que os ideais de gênero estão passando, migrando para uma igualdade de gênero em que cada pessoa possa exercê-la da forma que quiser.

Palavras chave: gênero; feminilidade; brasil; relacionamentos; pós-modernidade

Abstract: This study intends on understanding the feminine point of view of transitioning gender ideals by the dialectic relationship between living and the construction of change and getting to know how hegemonic femininity and masculinity relate, as well as their roles in possibilities of being and the establishment of bonds. We have done a historical and transcultural study to better understand feminine roles. Then we applied a qualitative questionnaire to people who considered themselves women in different Brazilian regions, with various ages, biological genders and sexualities, as well as religions and professions. This study shows that femininity is really passing through a period of transition noticed by our subjects, whether by living it or struggling for their rights. It is also clearly understood that gender roles as a whole are changing, and freeing each and every one to live gender as it pleases.

Keywords: gender; femininity; brazil; relationships; post-modernity

¹ Especialista em Educação Sexual pela Universidade Salesiana de São Paulo. E-mail: maghetler@hotmail.com

Introdução

Nos estudos de gênero é perceptível a quantidade de visões possíveis dos mesmos fenômenos. Cada qual vivencia seu gênero de forma diferente, enquanto aspecto identitário, e é quase impossível definir uma visão única, ou mesmo generalizar. É claro que os estudos existem exatamente para tentar estreitar o relacionamento da ciência com a vivência, e que as estatísticas possam dar voz única a um fenômeno pelo qual passam atualmente pelo menos 7,2 bilhões de pessoas. Mas a verdade é que a verdade não existe, é apenas um fogo-fátuo rápido e inconstante na história.

Pensando desta forma, o único jeito de conhecer um pouco mais sobre o gênero, capturando-o neste fluido período pós-moderno em que vivemos (que complica ainda mais termos dados estáticos sobre um tema, seja ele qual for) é entendendo a falibilidade do método quantitativo por um instante e abraçando o relato, o qualitativo, a fotografia de um momento importante para o gênero e as identidades. Segundo Flick (2002), a pesquisa qualitativa tende a capturar de forma mais abrangente o momento atual, em relação a uma população específica, sem deixar de investir do aprofundamento dos dados.

É através dessa visão que decidimos entender como as mulheres na atualidade encontram-se neste momento de transição dos ideais de gênero, como elas vêm contribuindo para a transição desses ideais e o que essas modificações implicam em suas vidas. Além disso, quisemos, com este estudo, entender como a relação entre a feminilidade e a masculinidade hegemônicas tem ocorrido e como isto altera as possibilidades do ser social e as relações que estabelece.

É importante citar que o feminino vem tomando formas diversas de outros períodos históricos, (HIME, 2004; PERROT, 1995 entre outros) pois engloba atualmente grupos antes marginalizados, como as travestis e as transexuais. Além disso, o ideal de gênero feminino vem em contrapartida se estreitando em detrimento da imensidão de possibilidades de vivências que a feminilidade em si vem englobando, como as mulheres em situação de rua, as mulheres negras, as tomboys² ou com problemas genéticos/fenotípicos. É nesse contexto confuso que procuramos responder nossas dúvidas.

Utilizamos-nos da vertente de gênero para abordar o tema proposto, principalmente os conceitos de performatividade de gênero de Judith Butler e a teoria *Cyborg* de Donna Haraway. Além disso fizemos uma revisão bibliográfica vertical (histórica) e horizontal (cultural) para entender as raízes das vivências de gênero atuais, de modo a anteciparmos-nos ao fenômeno que se apresentaria nos questionários e também analisá-lo de forma mais embasada. Assim, fomos do geral ao específico, respeitando as vivências individuais sem deixar de lembrar que fazem parte de um todo que atende à cultura em que se insere.

Então, através das possibilidades relacionais que as mulheres de nossa pesquisa poderiam realizar, fizemos perguntas focando em como essas mulheres se relacionam com o mundo à sua volta: sua relação consigo mesma, com homens, com outras mulheres, em relação à sua sexualidade, com filhos e família, no trabalho e na sociedade como um todo. Dessa forma, poderíamos encontrar a feminilidade enquanto ela se manifesta e se demonstra. Através de estudos anteriores (GHETLER, 2011), percebeu-se que esse método se torna efetivo em perceber o gênero dentro do contexto relacional e, portanto, mais apropriado do que de forma isolada, em "laboratório".

A pesquisa se torna relevante no momento em que nos deparamos com a realidade do século XXI a respeito dos relacionamentos humanos, em especial no caso da feminilidade. Segundo Zygmunt Baumann (2007), a forma com a qual os seres humanos vêm interagindo tem se revelado fluida e frágil, devido às novas conjunturas sociais, econômicas, tecnológicas e globais, através das novas formas de comunicação, as tecnologias com as quais temos contato constante, o individualismo e o foco na objetividade (e não no sujeito ou nas relações que permeiam ambos) tão próprios deste momento histórico. Donna Haraway em seu manifesto *Cyborg* completa essa visão ao perceber o intenso relacionamento do ser humano com a tecnologia, que possibilita não apenas mudanças corporais importantes para o exercer do gênero, mas também traz como questão se existe realmente um fim e um começo em relação ao feminino e ao masculino, uma vez que essas características podem ser inseridas ou retiradas através da tecnologia que os próprios humanos que a vivenciam fizeram.

Isso tem acarretado vários resultados para o

² Tomboy: mulheres que realizam atividades comumente vistas como masculinas; podem se vestir de forma masculina, brincar com brinquedos dados aos meninos ou mesmo atuar como meninos em situações diversas, mas ainda se sentem do gênero feminino.

modo como o ser humano interage consigo e com o outro, inclusive como ele percebe o gênero e como o exerce nas variadas relações que estabelece. Desta forma, é importante para o trabalho de profissionais da saúde dentro ou fora de instituições entenderem como esses fenômenos vêm ocorrendo de modo a aprimorar-se em sua prática, tendo informação em relação ao que possa ser benéfico ou não ao paciente segundo aquilo que o aflige.

Ademais, exatamente pelas várias possibilidades de exercer a feminilidade, é importante entender feminilidades não hegemônicas como as transgeneridades e mulheres que não se identificam com o ideal feminino de alguma forma e como são as relações possíveis com essas pessoas em comparação com feminilidades mais próximas das hegemônicas, se é que há alguma diferença digna de nota. Isso até para lidarmos com a incompreensão destas possibilidades vivenciais pela sociedade, como comenta Kimmel (2000).

Finalmente, ao realizar uma pesquisa qualitativa e com várias mulheres, é interessante que haja um momento de reflexão sobre a feminilidade, a masculinidade e a estigmatização de certas características ou seu trânsito, visando criar um espaço para a mudança de opinião e de paradigmas que mesmo estando em transição, precisam de ressignificações radicais para que nossa sociedade atinja a equidade de gênero. Pudemos ver durante a pesquisa que muitas das colaboradoras tiveram dificuldades para responder as questões, uma vez que a vivência é muito diferente da consciência da vivência (BUTLER, 1990).

Este artigo refere-se ao trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Educação Sexual pela Universidade Salesiana de São Paulo, e foi orientado pelo professor doutor Francisco Maciel Silveira Filho.

Histórico

É importante que fique claro o quanto a história ocidental foi escrita "por homens para homens" (PERROT, 1995). Isso significa que por muito tempo os historiadores eram homens e analisavam os fenômenos que aconteciam segundo seus padrões culturais, e através disso não conseguiam perceber como a história se passava para seus subjugados. Isso também significou que os historiadores escreveram para um público essencialmente masculino, pois em grande parte da história, as mulheres não tinham acesso a tais relatos (GUGGENBÜHL, 1997). Havia um predomínio da visão positivista na cons-

trução da ciência, da qual não escapou nem mesmo a área das humanas, e isto prejudicou nossa percepção histórica de povos anteriores. Apesar disso, tentamos nesta parte da pesquisa procurar ao máximo fontes fidedignas para entendermos as bases do patriarcado e das identidades de gênero hegemônicas atuais, percebendo-as como um montante de marcas d'água estampadas pelo tempo; segundo Oliveira (2004),

"Assim como nada na história é fruto de apenas uma causa simples e imediata, penso que o ideal de masculinidade, bússola de orientação para a formação de comportamentos assumidos no Ocidente como autenticamente masculinos só pode ser o resultado de complexas elaborações culturais" (p. 19);

Acreditamos que o mesmo processo se deu com a feminilidade.

As mulheres já tiveram grande prestígio social antes da criação do patriarcado. Conforme pesquisado por Eisler (1996), em escavações, foi possível encontrar diversas evidências que as mulheres possuíam templos e eram vistas como mais próximas das divindades que os homens, dada a valorização de sua capacidade de geração da vida. Esculturas, artefícios de barro e reminiscências de construções antigas revelam não apenas relações muito mais igualitárias, mas complementares entre homens e mulheres no período Neolítico e Paleolítico (FERNÁNDEZ, 2007). Porém, logo que a participação masculina foi percebida na geração dos filhos, os homens impuseram a monogamia de modo a garantir a paternidade dos filhos e o patriarcado para manter por muito tempo o papel de produtor (de filhos, à semelhança divina, e depois do conhecimento) nas mãos masculinas (BANDEIRA, 1999).

Segundo Corino (2006) a Grécia antiga teve um período curto em que as mulheres eram as sacerdotisas e muitas das deusas, figuras femininas. Porém com a ascensão do patriarcado, elas foram cada vez mais rechaçadas e vistas como seres inferiores, cuja função principal e valorizada era apenas a procriação, e a tradição grega foi muito importante para a visão ocidental sobre a mulher: inferiores intelectualmente, incapazes da amizade e do amor, feitas para serem servos de um homem narcísico e atlético.

Essas características se atenuaram aos poucos, pois como estudou Feitosa (2010), na Roma Antiga as mulheres já possuíam alguma liberdade de cuidar da casa enquanto seus maridos iam

para a guerra. Logo após as primeiras Guerras Púnicas, as mulheres já tinham profissões e, quando mais abastadas, tinham algum poder perante a sociedade romana quando seus maridos se encontravam em batalha.

Com a queda do politeísmo e do império romano, a Idade Média foi um dos períodos de grande importância para a visão dicotômica sobre a mulher que nossa sociedade ainda assume em alguns casos (ROSE, 1986). Ao ser uma mulher recatada, frágil, boa de coração, passiva, casada, com filhos aos borbotões, e essencialmente monogâmica, porém sem desejos exacerbados, teríamos a mulher virtuosa, a Maria, mãe de Jesus e de todos os homens. Qualquer característica que fugisse um pouco a isso como a independência, a inteligência, a força física, a retórica, e a vontade própria transformava-as em bruxas, diabólicas serpentes a serem duramente penalizadas ou mortas; com o cristianismo em alta, a igreja validou diversas vezes a dicotomia entre Eva e Maria como estuda Rose (1986), vista até hoje em nossa cultura. E era exatamente por essa dicotomia, e a possibilidade feminina de se encontrar em qualquer um desses opostos que o controle sobre a mulher naquele momento era tão importante, e ela perdeu sua liberdade gradativamente nesta época principalmente por influências religiosas (DUBY, 1996).

O Renascimento trouxe também várias características em relação às identidades de gênero, principalmente estéticas, devido ao florescimento das artes no período e das visões filosóficas em detrimento das religiosas. Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Giotto, René Descartes entre muitos outros inovaram e reinventaram a forma de retratar os pensamentos e os padrões da humanidade até então, assim como começaram uma visão antropocêntrica mais que teocêntrica, muito presente na era medieval (ROSE, 1986). Além disso, é através do florescimento da ciência que muito do que a igreja pregava na época foi sendo colocado em segundo plano, por isso também a busca por respostas mais humanizadas do que divinas (FOUCAULT, 1984).

Da época do fim da monarquia até a ascensão da burguesia na Idade Moderna mudaram-se vários paradigmas em relação à religião, a economia, a filosofia, a visão sobre o mundo físico, o que era ou não fidedigno, porém valores antigos se mantiveram em cápsulas novas, principalmente quando falamos sobre as mulheres e outros grupos marginais (BENTO, 2006); a ciência veio substituir a religião em importância, porém não diminuiu o controle exercido em relação às mulheres, dando novos motivos para sua dominação.

As mulheres para Rousseau significavam a passividade e a fraqueza, uma vez que o homem deveria ser ativo no mundo, a mulher deveria ser seu oposto. A liberdade da qual todo cidadão usufruía ao nascer para este autor não considerava as mulheres e, portanto, elas deveriam seguir seu papel natural, de mães e esposas para que a ordem fosse mantida. Segundo Barboza (2009), Kant concordava com Rousseau, pois também acreditava que homens e mulheres eram desiguais segundo sua própria natureza e, portanto, fadados a ela. A mulher era “predestinada” pela sua natureza a servir ao homem, e ele a ser seu senhor. O “Belo sexo”, segundo o filósofo, era passivo, absorto em beleza (não passível de ser possuída da mesma forma que o homem) e sem profundidade mental, portanto também não poderia para este autor fazer reflexões sobre o mundo, a política ou a legislação.

Apesar disso, foi neste período que surgiram as primeiras precursoras do feminismo (o qual não nos estenderemos neste artigo), como Mary Wollstonecraft, uma das mulheres corajosas o suficiente de desafiar toda a ordem vigente da época em prol de alguns direitos hoje angariados.

A Idade Moderna foi condição *sine qua non* para o avanço de novas feminilidades, assim como a possibilidade de expressão das mesmas fora do ambiente privado. Além disso, é quando surge também a formulação de teorias que demonstrasse central atenção à questão feminina, ainda focando principalmente em atributos físicos. É também o momento em que vários países lutam para que suas mulheres tivessem direito ao voto, demonstrando a necessidade de percebê-las como cidadãs tão capacitadas quanto os homens.

No mundo Contemporâneo tivemos também várias mudanças de paradigmas sobre a representação das mulheres e das feminilidades. No período das grandes guerras, o papel das mulheres foi decisivo nos fronts, no comércio, nas universidades e perante o poder público da época. Mas ainda assim, até então, o motivo da dominação feminina e subjugo foi apenas realocado nos livros científicos (FOUCAULT, 1984; BENTO, 2008). A biologia agora ditava o quanto as mulheres eram inferiores aos homens. É então que surge Simone de Beauvoir, lutando contra essa visão inferiorizante biológica, para dar margem a diferentes pensamentos sobre a questão. A autora foi um marco na visão sobre o feminino; não éramos mais apenas reprodutoras: poderíamos ser produtoras também. Segundo ela,

On ne naît pas femme: on le devient.
Aucun destin biologique, psychique, éco-

nomique ne definit la figure que revêt au sein de la société la femelle humaine; c'est l'ensemble de la civilisation qui elabore ce produit intermédiaire entre le mâle et le castrat qu'on qualifie de féminin. (...) Chez les filles et les garçons, le corps est d'abord le rayonnement d'une subjectivité, l'instrument qui effectue la compréhension du monde." (BEAUVOIR, 1949, p. 13)³

Isso significa que é através da vivência (e não apenas de uma determinação biológica, psíquica ou econômica) que ela se torna a mulher que é, e isto também endossa o fato de a feminilidade ser algo plural, relativo à subjetividade. Não que a filósofa não percebesse o quanto os seres humanos podem ser diferentes entre si (como por exemplo, a capacidade de gestar um filho ou mesmo caracteres sexuais secundários corporais); ela apenas relativizava o quanto isso teria importância para a sociedade na qual aquela mulher estava inserida.

Esse movimento filosófico foi destoante do *American Way of Life*, movimento cultural americano no pós-segunda guerra mundial. Segundo Ariès, (1987) como era ideal que as mulheres, na interpretação desse movimento cultural, ficassem em casa cuidando do marido e filhos enquanto ele trabalhava, elas teriam grandes obrigações desde o começo do século XX até meados dos anos de 1960; várias foram demitidas de seus empregos anteriores (a não ser que trabalhassem em meio educacional ou hospitalar) para reproduzir o conhecimento para as crianças e manter os valores familiares dentro de casa. A ela que é dado o papel de educadora das crianças, cuidadora, portadora das emoções e do "sexto sentido", uma intuição só feminina... Uma sensibilidade que só ela poderia ter. E ao homem, seu oposto: produzir conhecimento, ser forte, cheio de razão, nunca chorar (ao menos não ser visto chorando). Até os anos 1960 do século XX o homem era alocado no espaço público, a mulher, no privado. O homem, o *self-made-man*. A mulher, a rainha do lar. Cada um com seu papel determinado.

Em compensação, diversidades de gênero e sexuais não faziam parte do retrato da família do *American Way of Life* (SULLIVAN, 2003). Foi então que surgiu a articulação do movimento homossexual com suas propostas de inclusão social de gays

e lésbicas, sendo seguido nos anos 1990 pelo movimento Queer.

O início do movimento homossexual propriamente dito, pois houve tentativas anteriores de modificação dos estigmas sociais de grupos LGBT, vide o descrito por Sullivan (2003), que teve como marco o incidente no bar Stonewall In em 1969, frequentado por grupos marginalizados em relação ao gênero e sexualidade. Através da resistência criada frente a opressão policial e legal da época, houve um fortalecimento e crescimento de grupos e associações de militância homossexual, cuja proposta de integração social de gays e lésbicas sugeria um modelo de identidade tido como "assimilacionista" por certos grupos (o gay masculinizado e a lésbica feminina), que deixava identidades sexuais e de gênero destoantes dos modelos estabelecidos de fora (SULLIVAN, 2003).

A escolha da palavra *Queer*, usada até então como um xingamento, foi ressignificada de modo a apontar para um segmento da diversidade sexual que não aceitava esse modelo sugerido e insistia em não se moldar nesse enquadramento, iniciando uma dissidência que clamava por uma aceitação da diferença que não queria ser assimilada, mas sim percebida e respeitada.

Logo a teoria *Queer* se fez presente no campo dos trânsitos de gênero, de sexo e de sexualidade, pondo à prova até os termos "homem" e "mulher". Os estudos Queer revolucionaram o modo de olhar para como se forma a identidade de alguém e influenciaram áreas do conhecimento diversas, como as ciências psi, as ciências sociais, a história, o direito, e várias outras, mudando o foco da interpretação sobre as desigualdades entre os gêneros, como fazia o feminismo, para quais as vivências que as pessoas teriam ao serem de qualquer forma diferentes (SULLIVAN, 2003).

Teóricos importantes dos estudos *Queer* são Jaques Derrida, Judith Butler, Eve K. Sedgwick, Beatriz Preciado, Teresa de Lauretis entre outros. Apesar do pós-feminismo atual incorporar vários aspectos dos estudos *Queer* (como o foco nas diferenças individuais e não nas desigualdades (BOLOTTIN, 1982), os autores supracitados seguiram um caminho divergente.

Butler (1993), por exemplo, afirma veementemente que a construção de gênero na perspectiva feminista utilizou-se da analogia do sexo bio-

³ Não se nasce mulher: torna-se. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a figura que leva ao seio da sociedade a fêmea humana; é o todo da civilização que elabora este produto intermediário entre o macho e o castrado que se caracteriza de feminino. (...) Nas moças e nos rapazes, dos corpos primariamente irradia uma subjectividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo."

lógico para fazer uma leitura crítica da situação da opressão feminina, e isso na verdade foi inclusive moldado em uma construção já autorizada socialmente e, portanto, não isenta realmente dos preconceitos aos quais o gênero era submetido. Judith Butler afirmou ainda que o gênero, do jeito em que as feministas o percebiam não quebrava a “ditadura” do discurso, linguagem que molda os corpos ao bel prazer de grupos hegemônicos e que desta forma, não iriam revolucionar o conceito de gênero, até por que ele não abarcaria outras possibilidades de expressão do gênero que existiram, existem e sempre existirão ao redor do mundo.

Atualmente, a fluidez pós-moderna se encarrega de modificar constantemente os movimentos, os pensamentos e as ações. Como afirmou Bauman (2007),

Seria imprudente negar ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da “modernidade fluida” produziu na condição humana. O fato de que a estrutura sistêmica seja remota e inalcançável, aliado ao estado fluido e não estruturado do cenário imediato da política-vida, muda aquela condição de um modo radical (p. 15).

Os conceitos, as rajadas de informação retiram as bases morais e os valores antes tão importantes e dogmáticos, facilitando mais insurgências de identidades de gênero não hegemônicas. Valores religiosos, bases ideológicas e formas são apenas características mutáveis das vivências individuais. A liberdade e a solidão são inerentes a nós, geração X, Y e Z, uma vez que não nos prendemos a nada e nada nos prende a algo, apesar de sermos influenciados por pela história até agora. Portanto, a visão do gênero também é tão fluida quanto à possibilidade de modificação do corpo, da mente e do espírito.

Neste sentido é que a teoria *Cyborg* e da Performatividade de Gênero acabam sendo abordagens produtivas e complementares para entendermos a sociedade atual. Enquanto pós-moderno, pode-se ser o que quiser, e a responsabilidade sobre nós mesmos é completamente nossa, dos discursos, dos atos e das mudanças que nos impomos, podendo também sofrer as consequências de nossas atitudes e pensamentos segundo a cultura em que estamos inseridos (BAUMAN, 2009).

Isso não quer dizer que o ideal de gênero não seja algo perceptível ou mesmo incentivado; mas ele se torna mais longínquo das realidades individuais e, portanto, mais inatingível ainda, tornando sua busca extremamente cansativa e muitas

vezes até mortal (vide o aumento de casos de anorexia, bulimia e cirurgias estéticas agressivas tanto para homens quanto para mulheres).

Percebendo o amplo espectro de possibilidades vivenciais no atual momento social e histórico, escolhemos o método de pesquisa seguinte de forma a abranger o objetivo da pesquisa.

Metodologia

Pensando nos objetivos de pesquisa citados na introdução e com o intuito de solucionar essas e outras questões que surgiram no caminho da pesquisa bibliográfica, era preciso uma pesquisa nos moldes qualitativos, ouvir o que mulheres brasileiras tinham a dizer sobre serem mulheres e a feminilidade, tanto imposta quanto intrínseca a elas. Segundo Flick (2009)

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida. (...) Esta pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. (p. 20)

O questionário foi testado em pesquisas anteriores (GHETLER, 2011) e se provou útil para destrinchar as esferas relacionais onde a masculinidade se apresentava a homens heterossexuais, homoafetivos e transgêneros. Então fizemos dois pré-testes de modo a validar a ferramenta para a atual pesquisa e verificamos que esta (com as devidas alterações em relação ao gênero) era válida para o alcance dos resultados esperados.

Nossa escolha de sujeitos de pesquisa abrangeu pessoas que se consideram mulheres brasileiras de idade adulta (acima de 18 anos), indiferentemente de que classe social, sexo, sexualidade, grupo étnico, religião, características físicas, profissão, estado civil, estado natal, ou qualquer outra característica que possam ter ou pertencer à. Desta forma, pudemos ter uma visão mais despreendida, clara e ampla sobre como os padrões de gênero ocorrem, focando principalmente na possibilidade que o ser humano tem de ser diferente, único, e como o que Connel (2000) pode entender sobre as masculinidades, as feminilidades, também podem ser traduzidas desta forma.

Para encontrar os sujeitos de pesquisa, o questionário foi divulgado em meio às redes sociais das quais a pesquisadora participa, e após um primeiro período de pesquisas, as próprias pesquisadas indicavam que suas amigas, irmãs, mães,

colegas de trabalho, também fizessem parte da pesquisa. O método "bola-de-neve" é bastante útil, pois garante maior amplitude da pesquisa, traz dados mais diversos (pois as entrevistadas não são as primeiras escolhas da pesquisadora) e por dar divulgação à pesquisa, uma vez que seu objetivo é também trazer a reflexão às mulheres que responderam ao questionário. Após o término da pesquisa, se propôs a divulgação da mesma perante as pesquisadas, de forma a também dividir o resultado com aquelas pessoas que realmente tornaram a pesquisa possível.

O método de análise escolhido foi a análise de conteúdo, uma vez que decidimos por uma análise que nos trouxesse dados contidos no discurso sem grandes elucubrações sobre sentidos e significados, de modo a garantir menor possibilidade de vieses e maior análise dos dados contidos nas palavras utilizadas por nossas pesquisadas.

Nesta pesquisa destacam-se também as questões éticas, pois as informações obtidas envolvem um elevado grau de intimidade. Consideramos portanto, as normas previstas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96): garantindo o sigilo profissional pelo comprometimento de não revelar a identidade dos participantes, bem como a utilização dos registros obtidos apenas no âmbito acadêmico. O termo de consentimento livre e esclarecido foi lido e explicado a cada um dos participantes para obter sua concordância. Também estamos de acordo com a Declaração dos Direitos Humanos e Bioética da Unesco, quando esta preza pela dignidade e os direitos humanos, a preocupação com possíveis efeitos nocivos e benéficos, a autonomia do participante, o consentimento, o respeito pela vulnerabilidade humana e a integridade pessoal, o conceito de vida privada e a confidencialidade, a igualdade, a justiça e a equidade, a não discriminação, o respeito pela diversidade, a solidariedade e a responsabilidade social e pela saúde.

Resultados

Os dados foram analisados de forma qualitativa e comparativa, respeitando as diversas formas de exercer o gênero, mas entendendo seus padrões em relação à teoria. A coleta de dados foi feita através dos questionários e contatos telefônicos ou por e-mail quando surgia alguma dúvida sobre as respostas, e tivemos dificuldades no aspecto de que muitas mulheres pediam o questionário, porém não o entregavam; dentre os mais de 250 contatos feitos, apenas 39 responderam o questionário de

fato. Três das pesquisadas são mulheres transexuais, uma já tendo realizado a cirurgia de transgenitalização. Os questionários foram analisados através da análise crítica do discurso (MELO, 2009) e então cruzamos estes dados com a teoria.

As questões foram semiabertas para delinear de forma sutil o andamento das respostas, dando a liberdade necessária sem necessariamente forçar caminhos desconhecidos, dolorosos às colaboradoras e de pouca utilização perante o extenso e intrigante conteúdo. Primeiramente escolhemos 20 questionários para nos focarmos em questões individuais de cada uma das mulheres (pois cada vivência é um mundo de informações nos quais poderíamos nos ater através da análise do discurso, significados e sentidos expressados) e então cruzamos as vivências entre si alinhando-a com a teoria. Neste artigo, constarão apenas as constatações realizadas através deste cruzamento de informações em relação aos campos relacionais aos quais pertencem.

Mulheres consigo mesmas

A maior parte das mulheres pesquisadas afirmam pontos cruciais no ser mulher: a aparência faz toda a diferença em mais de 70% dos casos, como se vestem, acessórios que usam, vestimentas que as identifiquem como mulheres para o mundo. Desta forma, algo muito utilizado é, por exemplo, roupas mais apertadas que demonstrem as curvas femininas, o decote, a silhueta. O ser mulher representa muito mais o que elas demonstram para o mundo do que características físicas primárias ou secundárias, diferente do que se percebe na literatura, em que o foco para estas características é maior.

Existe socialmente a percepção de papéis definidos e a tentativa de encaixe nos mesmos para demonstração da feminilidade. Também existe em seus discursos a necessidade de buscar seu lugar na sociedade (tanto em relação ao ofício quanto ser vista como ser humano, igual em direitos), se sentir aceita enquanto mulher, se sentir respeitada pelo que é; em alguns casos, também é ser respeitada pelas funções como ser mãe e esposa, ou mesmo funções externas ao lar, como no trabalho, por exemplo. Características socialmente femininas para nossas pesquisadas são a religiosidade, a postura sempre impecável (sem o desleixo, considerado masculino), o "romantismo inerente" e a constante mudança (tanto pelo ciclo menstrual quanto pelo ciclo da vida). Como afirma uma das pesquisadas,

O que faz a pessoa ser feminina é a identificação com os padrões de gênero estabelecidos para o que chamam de “feminino”. O que faz um homem ser feminino e uma mulher ser feminina é o jeito e a internalização destas normas. Entendo que estas normas venham de fora e encontram identificação com os desejos que temos intimamente. Se é convencionalizado que usar salto alto é uma coisa feminina, quando eu quero e sinto prazer e desejo em usar salto, isso é uma ação feminina, independente de ser homem ou mulher. Mas se a moda cria um sapato de salto masculino e diz que isso é masculino, aqueles homens que usam aquele sapato são masculinos, ainda que usem salto alto. O Feminino e o Masculino é a forma com que “compramos” estas convenções e as vivenciamos. (sic.)

Quando vemos o discurso de nossa pesquisada podemos perceber claramente que os padrões de gênero são conscientes para algumas e que eles influenciam diretamente no comportamento e no exercer do gênero.

Relação mulher-mulher

Uma característica muito interessante da pesquisa sobre gênero é que a vivência se torna discurso e então consciência da vivência. Muitas das pesquisadas conseguiam perceber-se femininas através da distinção entre elas e homens, ou mesmo de mulheres que expressavam mais ou menos sua feminilidade. Apesar disso, quando tabulamos as características inerentes aos gêneros percebemos várias contradições, e em vários casos as características que estão colocadas como masculinas reaparecem com outras pesquisadas no âmbito feminino. Isso demonstra o quanto não existe uma visão clara sobre a distinção entre homens e mulheres. As conversas entre mulheres para nossas pesquisadas se tratavam muito mais de assuntos de teor emocional do que racional, o que pode significar a necessidade de manter o estereótipo de gênero entre mulheres estabelecido nos períodos descritos por Eisler (1996) e Corino (2006), em que mulheres são vistas como seres mais emocionais, mais superficiais e incapazes de realizar diálogo com a filosofia ou assuntos como política, principalmente em relacionamentos mais superficiais.

Relação da Mulher com os Homens

Como comentado anteriormente, muitas vezes acabavam também se descrevendo em relação a eles, ou seja, através das diferenças e igualdades, iam constituindo também o ser mulher e o ser feminino, de forma que as duas perguntas (o que as fazia diferente de um homem, e o que as fazia parecidas com um) foram também bastante válidas no processo de percepção de características próprias, que remetessem a um sexo “diferente” do seu.

Em relação a como as mulheres se comportam com homens, percebe-se uma necessidade em respeitar os mesmos quase de forma hierárquica, tentando ouvir seus pontos de vista e em alguns casos, acatando as dicas (ou ordens, dependendo do tipo de relação estabelecida), de forma quase que receosa em relação à resposta que poderia ser recebida, assim como também tentando colocar presente, mesmo que timidamente, suas ideias e convicções. O receio talvez tenha base cultural, onde numa sociedade patriarcal, o homem é em vários ambientes mais valorizado que a mulher (KIMMEL, 2000). E até por este aspecto a confiança nos homens também é dificultada para algumas de nossas pesquisadas, uma vez que também é difícil estabelecer uma relação sem a hierarquia.

Relação da Mulher com sua sexualidade

Houve também confusão em dados sobre o que diferencia a sexualidade feminina e masculina, visto que poucas puderam atrelar características específicas de feminilidade à sexualidade e em grande parte concordam que existe diferença entre sexo e amor, como grande parte dos homens percebe (GHETLER, 2011). É também clara então a importância da performatividade na construção dos gêneros, como destaca Butler (1993). Repara-se que as contradições verificadas atestam a dinamicidade dessas construções sempre prontas a serem modificadas, resignificadas, mostrando a importância da cultura (mais especificamente da linguagem) nessas construções, sobremaneira na pós-modernidade.

Na maior parte dos casos, foi afirmado que a conquista é mútua, considerando-se o olhar como investida, mas existe a necessidade que a segunda intervenção seja masculina. Todavia, não houve desaprovação ao fato de que mulheres poderiam ser mais ativas neste processo. Além disso, algumas pesquisadas afirmaram que a conquista é um

processo contínuo, que deve se manter ao longo do tempo e tem que ser recíproca. Percebemos aí uma tentativa de abandono à visão passiva sobre a mulher apresentada em períodos anteriores.

De certa forma, ainda existe bastante prioridade em relação à primeira relação sexual, como ela deve ser, com quem deve ser, e com quantos parceiros se deve transar ao longo da vida. Algumas de nossas pesquisadas também afirmaram que regularmente se confrontam com valores mais tradicionais e românticos sobre o sexo, e isso atrapalha de alguma forma seu desejo por receber prazer, também sendo um expoente dessa transição de valores tradicionais e novos.

Relação entre Mulher e Filhos

Em compensação, a posição em relação a ter filhos é categórica enquanto adotado ou gestado. Apenas duas pesquisadas afirmaram não querer ter filhos, e que por ter essa postura sofreram preconceito. Algumas mulheres valorizam tanto a maternidade que afirmam que a mesma dá um tom de precioso à feminilidade, como se fosse uma linda realização.

Importante perceber que para a maior parte das pesquisadas o desejo de ter filhos faz parte do ser mulher apesar de assumirem em sua maioria que uma mulher pode não querer ter filhos. Portanto, fica a impressão do seguinte implícito: "ah, não há problemas uma mulher não querer ter filhos, mas se ela não os tiver, algo vai ficar faltando de feminino na vida dela" e talvez por isso as duas pesquisadas que disseram não querer ter filhos teriam sido discriminadas. A mudança da visão da mulher sobre a criação dos filhos descrita por Ariès (1982) traduz muito a percepção de que a mulher tem como grande meta ser reprodutora (tanto fisicamente quanto dos valores principais de uma sociedade) e não produtora. Mas para a maior parte delas isso não gera grandes conflitos; como afirma uma de nossas pesquisadas,

Qualquer que seja o gênero a pessoa pode se sentir mãe. Mãe jamais é a que pariu a criança e só. Mãe é um conceito amplo que envolve sentimentos e aprendizados. Pretendo adotar duas crianças, já que não posso ter filhos biológicos. Acredito que para ter filhos é necessário planejar e ter uma estrutura. Ainda mais pra quem pretende adotar, que

tem um tempo para se programar. (sic).

Relação da Mulher com sua Família

Já em relação ao papel da mulher na família, houve visões bastante divergentes. Existem pesquisadas que não se sentem pertencentes a uma família que não seja "modelo propaganda de margarina" demonstrando ainda uma manutenção de valores mais tradicionais inerentes ao período descrito por Priore (2013). Já outras se percebem em uma família sendo filhas, ou apenas morando junto. Até ter apenas cachorros foi considerado família. Mas, em sua maioria, existe a idealização da família formada por mãe, pai e filhos, o que é algo alarmante no sentido de que as conformações familiares atuais são bastantes diferentes e tal modelo já não corresponde à realidade da maior parte das famílias brasileiras, segundo Amazonas e Braga (2006).

Também é perceptível o papel da mulher dentro da família e a impossibilidade de ela não ter responsabilidades perante sua família de origem ou a que formou, o que traz muito da percepção da mulher como pertencente ao lar e ao mundo privado, seja para cuidar dos filhos ou dos pais quando idosos.

Relação com o Trabalho

Em relação ao trabalho, percebe-se que não há grande apropriação do papel profissional no caso da maioria; são poucas que vêm o trabalho como fundamental para exercer um papel importante na sociedade, mesmo aquelas que são gerentes ou líderes nas organizações em que atuam; algumas inclusive comentam que a feminilidade e o trabalho são coisas distintas, assuntos separados que não devem influir um no outro. Isso confirma que apesar do gênero se postar em transição, valores relacionados à percepção do papel social feminino são basicamente retrógrados e denotam a busca por um papel de reprodutora de conhecimento, e não produtora. (BENTO, 2008)

A Mulher e a sociedade

Finalmente, em relação ao papel exercido pela mulher na sociedade, verificamos que a maioria delas nota grandes modificações que vem acontecendo ao longo dos anos. O foco é dado principalmente para ao fato de que as mulheres têm cada vez mais sido vistas com igualdade perante os homens. Reconhecem também em sua maioria que ainda existe grande machismo presente, e

que ainda há um longo caminho a ser percorrido para estabelecer a igualdade de gênero, mas que é questão de tempo e esforço para que isto seja alcançado.

Algumas frases emblemáticas transcritas dos questionários para refletirmos na condição feminina vigente são:

Acredito em lutar para sermos aceitas, respeitadas, compreendidas. Mas antes de tudo, precisamos nos aceitar como mulheres. A mulher tem uma mania de querer ser homem quando chega em cargos de autoridade. Ela deixa de ser ela mesma para virar quase um homem. Não concordo com isso, tendo em vista o comprometimento com outros setores da vida da mulher. (Fani)

Há uma corrente teórica que diz que são as mulheres que criam as formas machistas na sociedade, porque são elas que educam os filhos homens e mulheres. Bom, concordo em parte, então lanço uma pergunta: porque cobrar apenas das mulheres a educação dos filhos? Vamos cobrar também dos homens, afinal, a sociedade é formada por homens e mulheres. As mulheres ganham dinheiro, ajudam nas despesas domésticas. O homem precisa mergulhar na educação dos filhos. E isso precisa ser visto com outros olhos. (Fani)

Apesar das mulheres chegarem nos espaços, muitas tem de se render ao convencionalizado padrão masculino. Não à toa temos uma presidente masculinizada como primeira gestora mulher do país. Tenho certeza que se passasse uma ideia de delicadeza, não seria ela a presidente. O poder ainda é "macho"! Ainda vivemos numa sociedade que valoriza o poder pela força, e vejo muitas mulheres se "masculinizando" há séculos para exercer algumas funções. (Bianca)

Mulheres são mais submissas que os homens e aceitam melhor a hierarquia. (Bárbara).

Mas também penso que os conceitos machistas internalizados nas mulheres ainda atuam, principalmente no seio da família. As mulheres, mesmo que uma grande parte seja "chefe de família", quando estão com um homem em casa, ainda apanham dele. O papel do feminino na nossa cultura, como em todas, é construído/desconstruído por todo o grupo social. (Frida).

O papel da mulher na sociedade ainda é combater o machismo ridículo e absurdo no qual ainda vivemos. Transformar o mundo num lugar melhor, criar filhos decentes que saibam respeitar e valorizar a mulher, mostrando que trabalho doméstico não é necessariamente um dever feminino. Fazer com que as filhas entendam que a beleza não é tudo e o casamento não é a única opção para um final feliz. O papel da mulher é lutar para que assuntos como aborto, estupro, assédio sexual e violência doméstica sejam discutidos em favorecimento dela. É mostrar para as empresas que ela tem todo o direito de ser mãe sem ter a sua vida financeira prejudicada tanto quanto seus colegas homens têm o direito de ser pai a qualquer momento da vida. É jamais aceitar dogmas religiosos que ferem seus direitos constitucionais. É não deixar que o falso moralismo social interfira no seu jeito de se vestir e comportar. Entender que o sexo é natural e não tabu e ela pode escolher quando, hoje, com quem, e ninguém tem o direito de feri-la com agressões físicas ou verbais. É mostrar para o marido que eles também têm a sua parcela de responsabilidade na educação dos filhos e não é uma pensão que irá consertar tudo. (Nívea)

Muitos dos problemas enfrentados pelas mulheres vem das próprias, uma vez que a sociedade (da qual elas fazem parte) define que não são capazes, aptas ou corretas para exercer cargos, gostar de determinadas coisas, ou agir de um modo menos comum. Acredito que quem constrói o papel feminino na sociedade é a própria sociedade. Cabe a nós mesmas definirmos o que somos e queremos, onde e quando. Competitividade existe em todo e qualquer lugar, até certo ponto é algo saudável pois permite que busquemos melhora e crescimento (pessoal e profissional) a cada dia. (Daiane)

O papel da mulher, por ser vítima do sistema patriarcal, tem de ser revolucionário. Todos os âmbitos em que o homem deveria dominar simplesmente por ser homem, e não por ser realmente o melhor no que faz, têm de ser revistos e dispersados da sociedade. Como eu disse, a mulher tem tanto potencial quanto o homem, tirando trabalhos que exijam força exclusivamente bruta, para realizar qualquer coisa. Desde sustentar uma família, até ser ícone mundial por campeã de boxe (só um exemplo...risos). Embora pareça, eu acredito que a mulher não deve ser

superior ao homem (embora acredite que isso faria muito bem para o ego da mulher e diminuição do machismo). Eu acredito que o papel da mulher na sociedade tem que ser de mostrar a força que nós temos, para, num processo de espelhamento e antagonização, os homens aprendam a ser mais dóceis. Infelizmente, quem constrói os estereótipos e, assim, molda o papel a ser exercido pelas mulheres em sociedade ainda é a mídia (majoritariamente dirigida por homens), porém, mais importante do que o papel que a mulher desempenha em sociedade, é a força da crença de que o que fazemos da porta pra fora é só uma personagem a ser, por hora, interpretada. A mulher precisa, mais do que urgentemente, aprender que o lugar dela não é abaixo do homem ou atrás dele ("por trás de um grande homem, sempre existe uma grande mulher" não é suficiente), mas ao lado. Metaforicamente, claro. (Ubiraci)

Percebe-se realmente uma mudança acontecendo na construção do gênero, que ao mesmo tempo é rebatida pelo afincamento em se manter de forma estática. Modificar-se ou não é de responsabilidade tanto dos homens quanto das mulheres. É possível manter-se como Bárbara, aceitando sua condição de inferior, assim como posições como as de Ubiraci são possíveis na procura de relações mais igualitárias.

A afirmação de Bianca também nos faz pensar sobre a atual presidente do Brasil. Masculinizá-la também não é uma forma de manter um poder patriarcal, uma vez que a mulher considerada feminina não poderia governar de forma eficaz um país? Ou mesmo considerá-la como "vagabunda", que foi o modo como grandes grupos de pessoas se referiram à presidente durante a onda de protestos que aconteceu em todo o país ao longo de 2015 e 2016, não é uma forma de denegrir sua condição feminina, ao invés de desmerecer suas capacidades para governar, caso esta fosse a intenção de seus adversários?

Discussão

A pesquisa foi extremamente rica e nos aproximou das problemáticas iniciais. Notamos que o momento atual é realmente de transição da visão sobre o gênero, uma vez que cada feminilidade pesquisada acompanha padrões tradicionais e pós-modernos em si. A falta de tendências fixas em vários âmbitos relacionais só demonstra a construção individual da subjetividade feminina em detri-

mento da forma hegemônica, o que gera menos expectativas e, portanto, menos frustrações sobre o papel de gênero, pois a vivência é mais enfatizada que a busca por um ideal inalcançável.

A participação de pesquisadas passando por cirurgias estéticas de forma a adequarem seu corpo à seu gênero trazem à tona a possibilidade de alterarmos nossos corpos para adequarmos os mesmos à nossa realidade mental, como descrito por Haraway (2009); isto não quer dizer que nossa realidade mental se adequa tão rápido às mudanças corporais quanto elas estão se tornando cotidianas (HIME, 2004), e muitas vezes é importante refletirmos o quanto a onda de silicones e lipoaspirações também não auxilia na manutenção de certos estereótipos de gênero, na tentativa maior de adequação a um padrão social do que um desejo individual.

A questão da maternidade e do estabelecimento de família trouxe questões bastante críticas em relação ao ser mulher; apesar de muitas de nossas pesquisadas juntarem ambas as coisas, ao analisarmos o discurso, existe um paradoxo forte entre o que se sente e o que se considera sobre querer ter filhos. Uma mulher pode ser feminina sem ter filhos ou sem formar uma família, o que significa que ser feminina vai além disso; vai além do que o ideal hegemônico de feminilidade exige, e nossas pesquisadas em maioria percebem isso, mas em compensação, várias delas afirmam que a potencialidade de ser mãe é algo inerentemente feminino. Comparando à visão de Butler (1993), este paradoxo é um exemplo elucidativo do quanto a performatividade de gênero não se desvincula dos padrões do discurso vigente no ser mãe.

Além disso, as pesquisadas convidam os homens e mulheres à experiência de ter um filho no momento em que afirmam que a maternidade não é apenas gestacional, ou seja, a criação também importa. Isto se relaciona bastante ao discurso de Fani, por exemplo, que considera que a criação deve ser feita por homens e mulheres, e não apenas mulheres, como era no passado. Além disso, é impossível, segundo elas, não pensar no cuidado e no sustento dessas crianças quando se desenvolvem. A responsabilidade pela criação dos filhos é inegável, segundo elas, e, portanto, o uso de métodos contraceptivos se faz obrigatório até o momento ideal para aquele núcleo familiar, diferente do que até pouco tempo atrás (50 anos apenas) se percebia na ausência dos mesmos.

As pesquisadas percebem a diversidade das mulheres ao seu redor, e isso significa que, assim como um ex-escravo não quer escravizar, elas que-

rem ter os direitos de serem livres em escolher o que quiserem, poder tranquilamente se perceber de forma diferente e não se recriminarem por isso, nem serem recriminadas caso queiram ocupar uma posição diferente. De certa forma, fica subentendido que as pesquisadas têm grande consciência de suas realidades e da realidade de outras mulheres, o que faz com que se sintam na obrigação de prezar pelos direitos iguais para todos.

Apesar disso, em relação às feminilidades e masculinidades hegemônicas, elas ainda existem e fazem bastante diferença nas escolhas dos papéis de gênero que nossas colaboradoras utilizam para viver, porém percebe-se que esses dois opostos estão cada vez mais se aproximando e diminuindo problemas comuns às mulheres de épocas anteriores.

Conclusão

Concluimos que as mulheres de hoje estão conscientes e se livrando, em doses homeopáticas, do binarismo de gênero; elas querem poder escolher o que as faz felizes e não seguir rigidamente padrões que não formularam. Neste aspecto, a pesquisa foi bastante desafiadora, pois muitas das mulheres que responderam ao questionário afirmaram ter sido difícil responder todas as questões, exatamente por que vivencia-se o gênero, mas é muito incomum termos que refletir sobre ele, ainda mais nos dias de hoje, quando dificilmente paramos uma a duas horas para refletir quem somos, de onde viemos e o que queremos ser. Mas várias agradeceram por ter participado da pesquisa, uma vez que isto as fez pensar sobre sua identidade. Se as mulheres desta pesquisa conseguiram refletir sobre suas feminilidades, como são diferentes da norma vigente e o quanto elas mesmas podem construir esse papel, então um dos objetivos da pesquisa foi concluído com sucesso (trazer mais clareza sobre os papéis de gênero).

É importante citar que a percepção do gênero através de sua vivência leva-nos a perceber padrões e também a atuar sobre pontos mais cristalizados, rígidos e estereotipados, portanto a pesquisa obteve sucesso em facilitar a análise e, então, a desconstrução do gênero enquanto se apresenta.

É crucial citar que esta pesquisa dá margem a ainda mais questionamentos por sua abrangência e, portanto, traz em pauta a necessidade de mais estudos sobre este período tão confuso e encanta-

dor em que estamos vivendo para esta característica identitária, seus ideais em transição e as vivências cada vez mais únicas.

Referências

AMAZONAS, M. C. L. A.; BRAGA, M. G. R. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora*, v. 9, n. 2, p. 177-191, 2006.

ARIÈS, P.; DUBY, G. *História da vida privada*. v. 3, 4 e 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BANDEIRA, L. Relações de gênero, corpo e sexualidade. In L. Galvão e J. Diaz (Orgs.). *Saúde sexual e reprodutiva no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 180-97.

BARBOZA, J. O discurso filosófico sobre as mulheres e o amor em Kant, Schopenhauer e Nietzsche. *Natureza Humana*, v. 11, n. 1, p. 59-74, jan.-jun. 2009.

BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BEAUVOIR, S. *Le deuxième sexe*. v. I e II. La Flèche, França: Folio Essais, 1949.

BENTO, B. A. *Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

BENTO, B. A. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BOLOTIN, S. Voices from the post-feminist generation. *New York Times Journal*, New York Times Book Review, 1982. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1982/10/17/magazine/voices-from-the-post-feminist-generation.html?pagewanted=all> Acesso em: 01 mar. 2016.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. Nova York: Routledge, 1993.

⁶ Responsabiliza-se por garantir os princípios ideológicos do Movimento, manter a ordem/disciplina pautadas nas normativas internas, promover o envolvimento e cumprimento das tarefas no acampamento.

- CARVALHO, L. P. de; LOPES, L.; GHETLER, M. *O ideal de mulher de transexuais MtF*; trabalho elaborado para a matéria de Modelos de Investigação Psicológica II da PUC-SP, São Paulo, 2008.
- CONNEL R. W. *Gender*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- CORINO, L. C. P. Homoerotismo na Grécia antiga: homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *Biblos*, v. 19, p. 19-24, 2006.
- DUBY, G. *As damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- EISLER, R. *O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FEITOSA, L. C. Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. *Curitiba. História: Questões & Debates*, v. 48/49, Rio de Janeiro, Editora UFPR, p. 119-135, 2010.
- FERNÁNDEZ, C. M. Bases para una nueva interpretación sobre las mujeres en la prehistoria. *Madrid. Periódico Complutum*, v. 18, p. 209-215, 2007.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. São Paulo: Artes Médicas, 2002.
- _____. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GHETLER, M. *A expressão na masculinidade, em homens hetero, homo e transexuais*. São Paulo: PUC-SP, 2011.
- GUGGENBUHL, A. *Man, power and myths: the quest for male identity*. Nova York: Continuum, 1997.
- HIME, F.A. *A biografia feminina e a história das relações amorosas: o voo da fênix*. Tese (Doutorado) em Psicologia Clínica, São Paulo, PUC-SP, 2004.
- HOBBSBA, W.M. *Era dos extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KIMMEL. *The gendered society*. Nova York: Oxford University Press, 2000.
- MELO, I. F. de. *Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções*. São Paulo: Letra Magna. 2009.
- OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2004.
- PADILHA, A. *Resolução n. 196/96, versão 2012*. Brasília, Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. p. 3-9.
- PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Campinas. Cadernos Pagu*, v. 4, p. 9-28, 1995.
- PRIORE, M. Del. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo, Planeta, 2013.
- RAGO, M. (1998) *Descobrimos Historicamente o Gênero*. *Cadernos Pagu*, v. 11, p. 89-98, 1998.
- ROSE, M. B. et al. *Women in the middle ages and the renaissance: literary and historical perspectives*. Estados Unidos: Syracuse University Press, 1986.
- SULLIVAN, N. *A critical introduction to queer theory*. Nova York: New York University Press, 2003.
- TADEU, T., KUNZRU, H.; HARAWAY, D. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.